



DOSSIER

Recibido: 12 de junio, 2025

Aceptado: 10 de julio, 2025

Publicado: 15 de julio, 2025

Fascismo sem nome? A disputa pelas palavras na construção da “nova direita”

Nameless Fascism? The Battle Over Words in the Construction of the “New Right”

¿Fascismo sin nombre? La disputa por las palabras en la construcción de la “nueva derecha”

Rick Afonso Rocha

E-mail: rarocho@uesc.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5873-4136>

Institución: Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Este trabalho está depositado en Zenodo:

DOI: [10.5281/zenodo.15937037](https://doi.org/10.5281/zenodo.15937037)

Cita sugerida (APA, séptima edición)

Afonso Rocha, R. (2025). Fascismo sem nome? A disputa pelas palavras na construção da “nova direita”. *Disenso. Crítica y Reflexión Latinoamericana*. 8(1), pp. 88-109

Resumo

Este artigo analisa a adjetivação do significante “direita” (como “ultradireita”, “extrema direita”, “direita radical”, entre outras) como um gesto de leitura e disputa ideológica no discurso político. Partindo de uma perspectiva materialista-discursiva, o estudo problematiza como esses termos operam na construção de sentidos, enfatizando estratégias linguísticas (como prefixação, posição sintática do adjetivo). A análise revela que a escolha por determinadas designações não é neutra: ela diz de enquadramentos políticos, disputas de poder e efeitos de legitimação ou estigmatização. Além disso, o artigo critica a naturalização de noções como “fascismo” e “extremismo”, mostrando como essas categorias são mobilizadas para produzir consensos imaginários (como a dicotomia entre “centro



moderado” e “extremos perigosos”). Por fim, discute-se a apropriação de termos como “radical” pela direita, destacando como essa estratégia dilui críticas ao capitalismo e reforça a ordem burguesa.

Palavras-chave: adjetivação política; discurso político; espectro político; América Latina; ideologia.

Abstract

This article examines the adjectivization of the signifier “right” (as in “far-right,” “extreme right,” “radical right,” among others) as an interpretive gesture and ideological struggle within political discourse. Adopting a materialist-discursive perspective, the study problematizes how these terms operate in meaning construction, emphasizing linguistic strategies (such as prefixation, syntactic positioning of adjectives). The analysis reveals that the choice of specific designations is not neutral: it reflects political framing, power struggles, and effects of legitimization or stigmatization. Additionally, the article critiques the naturalization of notions like “fascism” and “extremism,” demonstrating how these categories are mobilized to produce imaginary consensuses (such as the dichotomy between “moderate center” and “dangerous extremes”). Finally, it discusses the appropriation of terms like “radical” by the right, highlighting how this strategy dilutes critiques of capitalism and reinforces bourgeois order.

Keywords: political adjectivization; political discourse; political spectrum; Latin America; ideology

Resumen

Este artículo analiza el adjetivo del significante "derecha" (como "ultraderecha", "extrema derecha", "derecha radical", entre otros) como gesto de lectura y disputa ideológica en el discurso político. A partir de una perspectiva materialista-discursiva, el estudio problematiza cómo operan estos términos en la construcción de significados, enfatizando estrategias lingüísticas (como la prefijación, la posición sintáctica del adjetivo). El análisis revela que la elección de ciertas denominaciones no es neutra: habla de marcos políticos, luchas de poder y efectos de legitimación o estigmatización. Además, el artículo critica la naturalización de nociones como "fascismo" y "extremismo", mostrando cómo estas categorías se movilizan para producir consensos imaginarios (como la dicotomía entre "centro moderado" y "extremos peligrosos"). Finalmente, se discute la apropiación de términos como "radical" por parte de la derecha, destacando cómo esta estrategia diluye la crítica al capitalismo y refuerza el orden burgués.

Palabras clave: adjetivación política; discurso político; espectro político; Latinoamérica; ideología

I. Introducción

Este artigo está centrado na análise da adjetivação do significante direita, com foco na problematização do uso do termo “ultradireita”. Ao destacar esse signo, pretendo evidenciar como ele opera enquanto gesto de leitura, efeito de interpretação e enquadramento ideológico e político, ou seja, como movimento na disputa de sentidos.

O uso das aspas, nesse contexto, visa provocar estranhamento nos interlocutores, suspendendo os sentidos estabilizados e convocando à atenção para o significante em si. É um chamado ao trabalho

interpretativo, ao abandono da naturalização do reconhecimento. Trata-se, portanto, de um “[...] processo de singularização ostranenie - (estranhamento) dos objetos [...] [um] processo que consiste em obscurecer a forma, em aumentar a dificuldade e a duração da percepção” (Chklovski, 1999, p. 75). As aspas funcionam, assim, como estratégia de distanciamento em relação ao que é tomado como evidente e já-dado, indicando que não há um “pronto a interpretar” na enunciação do termo “ultradireita”.

Parece que há um pressuposto socialmente aceito e pouco questionado que “cola” os sintagmas “ideologia de gênero” e “direita”, sendo esse último adjetivado de diversas maneiras, a depender da formação social em que esteja circulando ou também a depender da formação discursiva que esteja governando sua formulação. Frequentemente, temos: em países de língua hispânica: “ultradireita”; no Brasil e em Portugal: “extrema direita”; na Europa e nos EUA: “direita radical” (Kopeček, 2007). Quando formulado desde uma posição autoidentificada como “progressista” ou “de esquerda”, é comum aparecer: “direita fascista” ou “direita autoritária/totalitária”. Já quando formulado desde uma posição de “centro-direita” ou “de direita”, vemos a nomeação “nova direita”. O sintagma “direita radical” também comparece como elemento de autoidentificação entre aqueles que participam das agremiações políticas da “extrema direita” que, muitas vezes, preferem a designação “direita radical” em detrimento do termo “extrema direita”.

Antes de passarmos a problemática da designação do fenômeno e os sentidos em disputa postos em circulação quando da adjetivação ultra, radical, extrema, nova, conservadora, totalitária, autoritária, fascista do substantivo direita, algumas palavras sobre esse pré-construído devem ser enunciadas. Embora os dizeres da “ideologia de gênero” emerjam e circule mais amplamente nos discursos da “ultradireita”, a exemplo de figuras políticas conservadoras e de partidos auto-identificados como “direita radical”, e esses dizeres constituam um mote específico dessas agremiações políticas, podendo, inclusive, constituir uma super-questão que determina a sua atuação política e governa seus dizeres públicos, não estão restritos e circunscritos a tais formações discursivas e ideológicas. Não raro, vemos tais dizeres emergirem e circularem desde posições sujeito identificadas como progressistas, de esquerda e revolucionárias.

A “ideologia de gênero” se alimenta e se constitui desde uma rede polivalente, polimorfa e contraditória de discursos, inclusive, “paradoxalmente”, com contribuição significativa do identitarismo de mercado, propagado pelo liberalismo progressista que, ao passo que cria um mercado de identidades centrado na mera representatividade, acelera os efeitos da corrosão social, abrindo espaço ao conservadorismo ultraliberal em prol de uma política de sustentabilidade da superexploração da força de trabalho e do padrão reprodutor dependente. A reação progressista à acusação de promoção da “ideologia de gênero”, feita pela “extrema direita, constitui um elemento necessário e funcional ao discurso da “ideologia de gênero”. Sem o qual, não efetivaria sua referenciação social pela polêmica. Por isso, a atribuição da “ideologia de gênero” à formação discursiva de direita revela-se equivocada. Desconhece-se que, como fórmula discursiva, a “ideologia de gênero” produz imaginariamente um confronto entre formações discursivas que é concretizado na reação progressista.

Um fenômeno, muitas designações. Seria a direita ultra, radical, extrema, nova, conservadora, totalitária, autoritária, populista ou fascista? Os sentidos postos em disputa partem da modificação do substantivo, direita, aceito amplamente, tanto por hétero-identificação como autoidentificação, pelo acréscimo de um elemento, normalmente um adjetivo colocado após o substantivo (radical, totalitária, conservadora, autoritária, fascista, populista) ou adicionado antes do substantivo (extrema, nova). Há também a construção por meio de prefixo (ultra, neo).

A disputa que me interessa não é em torno do trabalho teórico e doutrinário que almeja descrever o fenômeno social¹, isto é, que busca explicar se estaríamos diante de um movimento fascista, ou nazifascista, pós-fascista, reacionário, ultraconservador, neomilitarista, se seria uma categoria de bonapartismo ou de fascismo dependente. Grosso modo, compreendo que os dizeres que emergem dessa discursividade (“ultradireita”) produzem sentidos pela repetição criativa da ideologia fascista, não se confundido, portanto, com um movimento nazifascista, mas mobilizando, de forma polêmica, sua gramática ideológica. Logo, temos que afirmar as formas capitalistas de exceção (imaginária), a saber: fascismo, bonapartismo e ditadura militar, atravessam e constituem as formas de operar do Estado Democrático Liberal de Direito, formatando a normalidade burguesa.

¹ Sobre a disputa conceitual, consultar Sahd (2022).

Assim, pouco importa a disputa doutrinária em torno dessa delimitação, pois, via de regra, ela tem como pressuposto a afirmação da “excepcionalidade” do movimento lido como “reacionário”, deixando escapar que tal excepcionalidade é imaginária e funcional à democracia liberal. E isso se dá pela formulação do pânico progressista que produz um inimigo virtual, o fascismo imaginário. Com esse funcionamento, o liberalismo progressista silencia o debate sobre a economia política, pelo constrangimento moral com o apelo democracia-fascismo. Desde nossa perspectiva, a ideologia fascista atravessa e constitui toda a direita, seja ela “moderada” ou “ultraconservadora”. Inclusive, atravessa e constitui as forças progressistas que, a despeito da intencionalidade de seus líderes, são peças úteis à conciliação de classe e ao mascaramento do antagonismo real.

Por isso, a disputa teórica e doutrinária acaba sendo esvaziada, perdendo sua razão de ser, visto que ao propor determinada conceitografia, colocamos, necessariamente, em questão o efeito de normalidade da direita dita tradicional ou moderada, produzindo, como efeito, sua aceitabilidade e razoabilidade. Se, como acreditamos, a democracia liberal é a ditadura da burguesia, as forças políticas que não se posicionam a favor da luta proletária afirmam a violência de Estado, participando, necessariamente, da criação das condições de implementação de políticas fascistas como mecanismo de defesa dos interesses capitalistas. Para além do pacto civilizatório democrático liberal, o fascismo é uma realidade concreta do Estado capitalista e, em maior grau, uma realidade mais visível nos Estados dependentes.

2. “Direita”: ultra, radical, extrema, conservadora, nova, autoritária, fascista, totalitária...

Sendo assim, a disputa que interessa é aquela realizada no entremeio dos discursos político, midiático e social. Isto é, os efeitos de sentidos que emergem da disputa pela nomeação do fenômeno no seio dos aparelhos ideológicos, a saber: partidos políticos, sindicatos, mídias, burocracia estatal. O debate sobre preciosismo teórico, a pertinência da conceitografia, as contradições lógico-filosóficas e da dimensão historiográfica (anacronismo conceitual, por exemplo) não será realizado aqui. Não se pretende buscar a melhor definição para o fenômeno, muito menos dissecar seus supostos elementos descritivos que sustentaria determinado conceito e não outro. Interessa, como, no âmbito social, esse fenômeno está circulando, como está sendo nomeado e quais efeitos são postos em cena. Trata-se de nomeações e não de conceitos.

É notória a disputa em torno do significante “radical”. As agremiações políticas autointituladas de “esquerda radical” designam a “direita” como “extrema”, resguardando o adjetivo “radical” para a luta política proletária. Figuras do “centro” e da “direita” dita “tradicional” ou “conservadora” costumam equiparar a radicalidade de esquerda com o extremismo de direita sob o signo “extrema”, colocando em cena a famigerada “teoria da ferradura”, em prol da construção da sua viabilidade e aceitabilidade pela imagem de moderação e de responsabilidade política diante dos supostos extremismos equivalentes e equiparáveis (*extrema direita = extrema esquerda ≠ centro = equilíbrio, moderação...*).

Segundo Kopeček (2007), as expressões “direita extrema” e “direita radical” teriam sentidos, ou melhor, significações diferentes; isso levando em consideração o uso que se faz desses sintagmas em autodesignações de agremiações políticas e nas análises políticas e acadêmicas. A “direita extrema” rejeitaria completamente a democracia liberal, buscando objetivos antiparlamentares e anticonstitucionais. Já a “direita radical” promoveria um questionamento profundo do funcionamento político sem romper com a ordem estabelecida, ou seja, critica o sistema sem rejeitar suas regras. Kopeček (2007) sugere que há um movimento de aproximação entre a “direita radical” e a “direita extrema”, com tendência de uma migrar para a outra e vice-versa. Ele também destaca que, no contexto acadêmico e político alemão, a “direita radical” é vista como uma categoria de transição entre a “direita extrema” e a “direita conservadora” (“moderada”).

Ainda conforme Kopeček (2007), muitas agremiações e figuras da “ultradireita” passam a reivindicar a nomeação de “direita radical”. Isso se deve, em parte, ao uso excessivo dos termos “extremista” e “extremismo” pela mídia, especialmente ao se referir a grupos ditos “terroristas”, o que cristalizaria um sentido que os partidos de direita procuram evitar. A disputa significativa também envolveria partidos de “centro”, que rotulam outras ideologias como “extremas”. Nessa lógica, “extremismo” seria sinônimo de “ideologia”, e o “outro” é visto como não moderado, como o ideológico, enquanto o centro se apresenta como “neutro” e “imparcial”, como tecnocrata.

Além disso, historicamente, o termo “radical” é mais comum entre militantes de agremiações proletárias revolucionárias, que colocam a luta de classes no centro de sua atuação. Para esses grupos, ser “radical” significa ir à raiz dos problemas sociais, ou seja, a exploração capitalista. Em contraste, os grupos de direita mascaram a luta de classes ao criarem inimigos imaginários. Embora mobilizem discursos antissistema, não buscam uma ruptura social e econômica real. Quando necessário, rompem com a democracia liberal

e instauram estados de exceção, como regimes fascistas ou ditaduras militares, para manter intacta a estrutura socioeconômica da democracia liberal. Portanto, esses grupos não são “radicais”, mas sim “extremos”, pois ao acelerarem mecanismos autoritários, como o fascismo, o fazem em favor da ordem burguesa e da manutenção do sistema capitalista. Quando reivindicam o termo “direita radical”, cria-se uma ambiguidade que obscurece a crítica da esquerda radical. Assim, a eficácia social dessa crítica é diluída, e o termo “radical” perde parte de sua força, sendo adequado para aqueles que, na prática, buscam preservar a ordem estabelecida, ainda que sob o discurso de oposição ao sistema.

Dessa forma, embora se apresentem como contrários ao sistema, seu antissistema se limita à esfera política. Assim, a apropriação do termo “radical” pela direita não reflete uma verdadeira oposição ao sistema capitalista. Logo, a apropriação do termo “radical” pela direita é uma estratégia que leva à diluição e neutralização da crítica radical, enquanto continua a operar de forma “extrema”, protegendo a ordem burguesa e os interesses das elites.

Do ponto de vista sintático, a diferença está na função e no foco que cada uma das construções dá ao adjetivo em relação ao substantivo. Na estrutura *adjetivo + substantivo* (“extrema direita”), o adjetivo “extrema” está diretamente modificando o substantivo “direita”. A primazia é no primeiro elemento que acaba por funcionar como núcleo impróprio. Essa construção enfatiza a intensidade ou a natureza extremista da “direita”. Ao enunciar “extrema direita”, define-se um tipo específico de direita que é caracterizada pela sua distância em relação ao centro político, em relação a sua distância da normalidade política, carregando conotações de extremismo, de desequilíbrio. Já na construção *substantivo + adjetivo* (“direita radical”), o substantivo, “direita”, que constitui o núcleo, governa o adjetivo, “radical”, que comparece como um qualificador. Embora ainda qualifique, o adjetivo pode sugerir uma característica ou um tipo de “direita” sem necessariamente carregar o mesmo peso de extremismo que na primeira estrutura, já que aqui o adjetivo não faz as vezes de núcleo. Essa forma pode ser lida como mais descritiva, podendo ser interpretada como uma “direita” que, em determinados contextos, pode não ser percebida como tão fora da normalidade. A expressão pode ter uma significação mais aceitável, focando na “direita” que possui características “radicais”, mas sem a urgência que a determinação “extrema direita” implica. Em resumo: enquanto a estrutura *adjetivo + substantivo* carrega uma significação mais forte, pois ao se colocar antes do substantivo, o adjetivo enfatiza sua natureza; a construção *substantivo + adjetivo* pode parecer mais descritiva, com o adjetivo posicionado após o substantivo, ele aparece como uma

característica do núcleo e não como se núcleo fosse. Essa diferença sintática demonstra como a posição do adjetivo altera a percepção e o sentido do substantivo que modifica ou qualifica.

Já do ponto de vista imaginário-semântico, o sintagma “extrema direita” apresenta uma diferença conotativa em relação ao sintagma “direita radical”. A primeira construção coloca em jogo uma força semântica mais expressiva, já que o campo semântico do “extremismo” possui uma plasticidade pejorativa mais acentuada no discurso social, sendo atravessado e constituído por signos como “terrorismo”, “violência”, “golpe”, “autoritarismo”, “antidemocrático”, “exagerado”, “excessivo”. Assim, sua intensidade semântica implica um afastamento significativo do que é visto como normalidade, como aceitável, como necessário à vida social e política, indicando, social e politicamente, uma posição oposta substancialmente ao centro, ao equilíbrio. Embora também sugira uma postura forte e muitas vezes confrontadora (inclusive devido uma sinonímia produzida entre *radical* e *extremo*), a construção “direita radical” pode ser percebida, semanticamente, como menos severa que “extremo”. A “radicalidade” tem seu sentido construído a partir da relação sinonímica com “raiz”, “profundidade”, “complexidade”, “forte”, “destreza”. Vejamos como esses significantes se apresentam em um instrumento linguístico, isto é, em um dicionário de sinônimo:²

² *Sinônimos: dicionário online de sinônimos*. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/>



RADICAL:

Que é drástico e total:

drástico, brusco, total, completo, absoluto, definitivo, decisivo, profundo, enérgico, integral, global.

Que é intransigente e rígido:

intransigente, rígido, inflexível, implacável, severo, duro, inexorável.

Que é arriscado:

arriscado, perigoso, ousado, arrojado, desafiador, aventureiro, aventureiro, difícil.

Que foge ao tradicional:

extremo, extremado, extraordinário.

Que existe de forma intrínseca dentro de alguém:

intrínseco, inerente, inseparável, característico, particular, peculiar.

Relacionado com a origem ou fundamento de algo:

básico, fundamental, essencial, primordial, substancial, necessário.

EXTREMO:

Afastado ou remoto:

afastado, distante, remoto, retirado, longe, longínquo, distanciado, separado, desviado, apartado, arredado, remontado, semoto.

Intenso ou máximo:

intenso, máximo, supremo, forte, acentuado, grande, violento, veemente, carregado, ativo, enérgico, ardente.

Grave e preocupante:

grave, preocupante, sério, inquietante, dramático, delicado, momentoso, ponderoso, anormal, excepcional.

Último e derradeiro:

último, derradeiro, final, terminal, terminante, terminativo, fatal.

Radical e intransigente:

radical, drástico, extremista, extremado, intransigente, excessivo, exagerado.

Ponto mais distante:

extremidade, ponta, fim, limite, limiar, raia, termo.

Esse saber sobre a língua põe em jogo relações de sinonímia que permeiam os discursos sobre

Figura 1 - Quadro de sinônimos de “radical” e de “extremo”

“radicalidade” e “extremismo”, produzindo um efeito de paralelismo semântico. Nesse contexto, cria-se a imagem de que um significante pode assumir o lugar de outro, indicando que os sentidos e os processos de significação permaneceriam inalterados, o que condiciona, por sua vez, os efeitos de sentido. Assim, a disputa em torno das designações “extrema” e “radical” movimenta os sentidos atribuídos histórico e socialmente a esses termos. A adjetivação produz um sentido específico (e não outros), moldado pela recursividade ideológica que acompanha a instrumentação da língua.

Dessa forma, o artefato linguístico produz uma equação que é retomada quando da enunciação desses termos que governa sua produção de sentido. Ao enunciar “extrema direita”, uma rede de já ditos, ancorados no funcionamento instrumental da língua, inscreve a referida expressão em uma cadeia parafrástica, discursivizada na relação com inúmeros outros significantes produzidos como paralelos

semanticamente: “desviado”, “intenso”, “violento”, “grave”, “anormal”, “fatal”, “exagerado”, “limite”. Se já existe o imaginário para “extremismo”, segundo o qual se produz uma evidência do que seja ser “extremo” ou “extremista”, projeta-se imaginariamente a “extrema direita” como um desvio intenso e violento da normalidade, como uma fatalidade grave e exagerada que supera o limite da aceitabilidade. Ao passo que a “direita radical” tem sua cristalização semântica projetada como uma atitude “implacável”, “ousada” e “desafiadora”, uma ação “extraordinariamente” “necessária”. Isto porque “[...] os discursos sobre as línguas, indissociavelmente relacionados à história, à ideologia e ao político, são (re)produzidos e colocados em circulação numa dada formação social, ao mesmo tempo em que a língua, imaginariamente instrumentalizada, se constitui/ é constituída ou fabricada [...]”. (Pfeiffer; Costa; Medeiros, 2022, p. 331).

É nesse sentido que há uma disputa pela designação desse fenômeno, sendo o termo “extrema” rechaçado hegemonicamente pelos movimentos da direita e sendo esse um dos termos mais generalizados pelas esquerdas juntamente à “direita fascista” e “direita autoritária/totalitária”. Enquanto as designações “extrema”, “fascista”, “autoritária/totalitária” não são reivindicadas por aqueles que se identificam nessa formação ideológica, sendo, portanto, elementos de hétero-identificação, os termos “radical” e “populista” circulam de forma mais polissêmica e ambígua, visto que comparecem tanto quanto designador negativo nos discursos das esquerdas, das mídias ditas progressistas e também nos círculos que se afirmam tecnocratas (direita, centro e progressistas), como elemento de identidade nas redes enunciativas da “ultradireita”. Podem, assim, gerar ambiguidade, sendo visto tanto como um “avanço” quanto como “retrocesso”, uma reincidência em ideais conservadores.

No discurso digital, observado a partir de títulos e descrições de páginas no buscador *Google* (funcionamento ideológico do algoritmo), produz-se um efeito de sinonímia entre os designadores “extrema”, “radical”, “populista”, “nova” e “ultra” que qualificam e modificam o substantivo “direita”. No recorte abaixo, é possível perceber tal relação sinonímica, quando, em uma mesma notícia, os termos se substituem como se um equivalesse plenamente ao outro. A partir da utilização da ferramenta *Google Trends*, com recorte apenas em sítios de notícias, observa-se que os termos que mais circulam são “ultradireita” com um pico em fevereiro de 2010, “direita radical”, pico em outubro de 2010; a partir de outubro de 2017, o volume maior é do termo “extrema direita”, com picos consideráveis em novembro de 2017, outubro de 2018, abril de 2019, janeiro de 2023, maio de 2023, julho de 2024 e outubro de 2024.

Já os designadores “fascista”, “totalitária” e “autoritária” circulam menos, não expressando picos de volumes consideráveis.

Já quando consideramos o volume de busca na *Web* e não apenas em sítios de notícias, observamos que a designação “extrema” domina de forma expressiva a nomeação da “direita”, com picos significativos em agosto de 2017, outubro de 2018, junho de 2020, outubro de 2022, junho de 2024 e outubro de 2024. O termo “direita fascista” comparece como o segundo mais expressivo, com picos em junho de 2009, junho de 2013, outubro de 2018 e junho 2020. As demais designações apresentam volume de busca muito similar, sem picos consideráveis.

As designações que normalmente são postas em circulação desde posições sujeito ditas progressistas ou de esquerda (“extrema direita”, “direita fascista”, “direita autoritária/totalitária”) fazem funcionar um pressuposto de que existiria uma direita que não representaria um risco aos trabalhadores, uma força democrática e moderada. Tais nomeações sugerem um desvio significativo das normas estabelecidas, de uma normalidade. Elas podem evocar imagens de fanatismo, intolerância e ações extremas, gerando uma percepção negativa no interlocutor. Essa percepção pode funcionar como constrangimento moral. De um lado estaria a direita significada pelo excesso (*extrema/totalitária*) e pela violência (*autoritária/fascista*)

e do outro, haveria um campo conservador, liberal, moderado, equilibrado, responsável e democrático (direita tradicional e o centro).

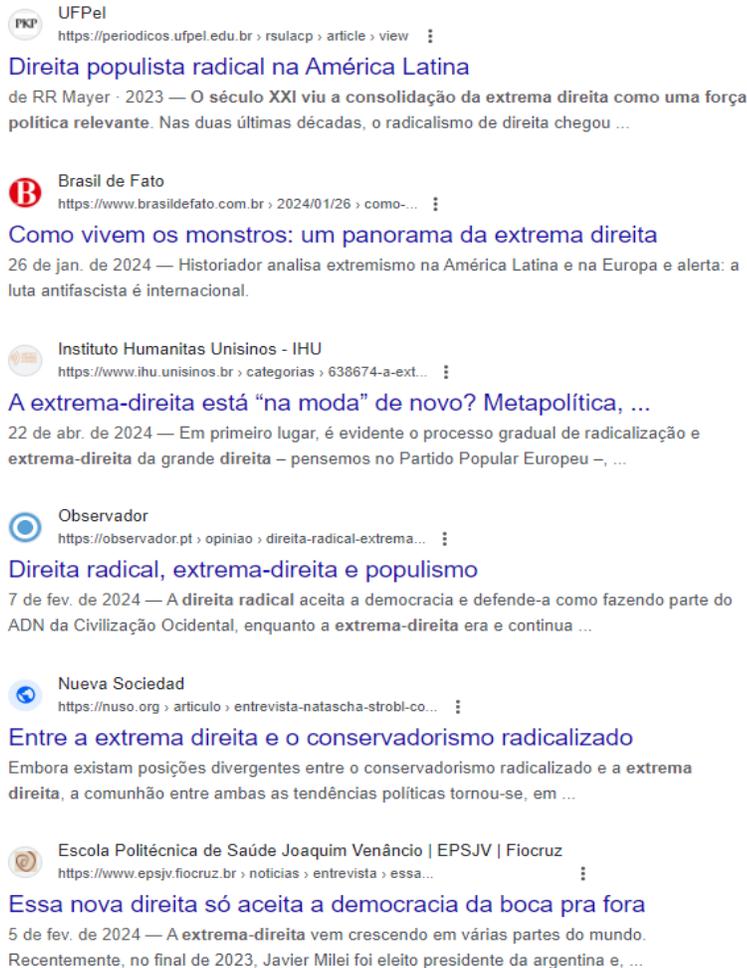


Figura 2 – Tela de busca no Google

Os adjetivos que qualificam e modificam o substantivo “direita” logo começam a migrar para qualificar e modificar quaisquer forças que não estejam substancialmente comprometidas com os interesses capitalistas, já que o “excesso” não seria algo exclusivo da direita. Assim, o “equivoco” arendtiano, que equipara o comunismo e o nazismo, passa a dominar o debate público. Com apoio no imaginário construído pela Teoria burguesa do Totalitarismo (o significante *totalitário* não comparece de forma gratuita), as agremiações políticas de esquerda passam a ser narradas com os mesmos significantes. E, assim, são levadas, muitas se deixam levar, em direção às políticas de centro-direita. De forma ambígua,

uma designação mais forte, capazes de produzir no interlocutor uma percepção negativa em relação ao fenômeno nomeado, também pode contribuir com a naturalização da posição de centro e de direita como expressões políticas da moderação, do equilíbrio, e da responsabilidade; empurrando, com isso, as agremiações de esquerda a abraçarem tais ideologias como forma de não serem lidas como “excesso”, como “extremo”.

A partir da análise do volume de busca pelo *Google Trend* e pelo *Google Notícias* e *Google Acadêmico*, constatou-se que o adjetivo “nova” aparece como designador do substantivo “direita” em dizeres oriundos do discurso acadêmico, quando, também se observa, em alguns enunciados, o uso do termo com aspas, produzindo, com isso, um efeito de estranhamento. O apagamento da crítica expressa em significantes que produzem no interlocutor a percepção negativa (denominações estigmatizadoras), como “direita fascista ou direita autoritária”, pode ser um traço da pretensa imparcialidade do discurso científico, bem como uma estratégia argumentativa para contornar a crítica da suposta doutrinação que acaba desembocando no negacionismo por parte dessa direita que poderia utilizar desses trabalhos como tentativa de desqualificação da seriedade do fazer acadêmico. Assim, nega-se as denominações estigmatizadoras que circunscrevem os dizeres em uma discursividade, segunda a qual muitos sujeitos já os recachariam de imediato (constrangimento moral em relação ao fascismo).

No discurso midiático, o referido termo também tem circulação ampla, além de comparecer nos discursos dos partidos e figuras que se identificam com esse fenômeno. Ademais, é possível perceber que o termo é muito utilizado por parlamentares e personalidades políticas que se colocam como alternativa a essa “nova direita”, mas que não chega a expressar uma crítica tão contundente. Isso acontece pois há certa aproximação entre os políticos que se projetam desde a imagem da técnica, da gestão, a exemplo do PSDB, do Novo e do PSD, no Brasil, com a “ultradireita”, principalmente quando as figuras “tecnocratas” não conseguem viabilidade eleitoral e há o acirramento entre o campo dito progressista e o campo ultraconservador. Um exemplo emblemático é o “*BolsoDoria*”, em 2018 nas eleições no Brasil e, mais recentemente, o apoio do PDT ao candidato de Bolsonaro para a eleição de prefeito de Fortaleza. O candidato ultraconservador André Fernandes, do PL, concorre com Evandro Leitão (PT) no segundo turno da cidade. Ou ainda, na Argentina, o apoio de Mauricio Macri, da direita tradicional, ao ultraliberal Javier Milei.

A referida adjetivação indica *inovação* ou uma *mudança* em relação ao passado, uma diferenciação em relação a uma direita que seria “velha”. A “nova direita” seria responsável por executar uma “nova política”. Refere-se, assim, a um movimento ou ideologia que busca *revitalizar* ou *reformular* a direita política, frequentemente utilizando novas estratégias. Dessa forma, o significante “nova” tem seu sentido produzido pela diferenciação com seu antônimo, que é implicitamente enunciado. Tal relação produz a significação de um *frescor* ou *modernidade*, na tentativa de legitimar posturas “excessivas”, em prol da manutenção de interesses da burguesia, sob a fachada de *inovação*. É uma disjunção real. Inaugura-se a era da *pós-política*, da superação da política, a era da tecnocracia. Tanto Bolsonaro quanto Milei prometeram formar governos “técnicos”, sem indicações de natureza política, partidária ou ideológica. A “nova direita” é produzida discursiva-ideologicamente como o outro da “política velha”, imaginariamente uma hegemonia da esquerda, que deve ser abandonada. É produzida como aquilo que é



Figura 3 - João Doria na campanha de 2018

verdade, como a verdade que o sistema quer mascarar e negar. Todos aqueles que não são da “nova política” são, inicialmente, designados como *comunistas*. A velha política não está restrita a uma “velha direita”, pois essa não existiria. Em verdade, a “nova direita” é a inauguração da direita, diante da imaginária “dominância esquerdista” do último século: “No tenemos en México un partido conservador de derecha real.

Es por eso que hemos decidido que en 2025 comenzaremos a construir un nuevo partido político, una nueva derecha que nos represente. Basta de derechitas tibias y cobardes.” (Verástegui, 2023, online)³.

Neste trabalho, optei por utilizar a designação “ultradireita”, aspeada (distanciamento enunciativo). Também faço uso do termo “extrema direita”; que, como vimos, são os termos mais utilizados no discurso político “latino-americano”, respectivamente, em língua espanhola (*ultraderecha*) e em língua portuguesa. Tais termos não se equivalem, não há sinonímia, o que há é movimento de sentidos e de sujeitos, por isso o aspeamento. O que está em jogo aqui é a maneira que se interpreta o fenômeno, é o modo de fazer atuar na cristalização e na institucionalização dos sentidos seja pela modalidade do *discurso sobre* (“extrema direita”, “direita autoritária”, “direita totalitária”, “ultradireita”, “direita fascista”, “direita populista”) seja pela modalidade do *discurso de* (“direita radical”, “nova direita”, “direita populista”).

A expressão “extrema direita” e todas as outras designações supracitadas envolvem uma composição de um adjetivo e um substantivo (“direita”). Aqui, a relação entre os dois termos é sintagmática, ou seja, depende da combinação das palavras no nível do enunciado, e o adjetivo qualifica ou intensifica o substantivo “direita”. Isso cria, como efeito de sentido, um certo grau de ambiguidade semântica, uma vez que a interpretação depende da interação entre o adjetivo e o substantivo, resultando em uma relação de modificação.

A disputa semântica, entre o adjetivo e o substantivo, pode ser entendida pela teoria da função nuclear do substantivo, conforme descrita por Lyons (1997). O substantivo é o núcleo do sintagma nominal, o que implica que o adjetivo, embora o modifique, não altera sua natureza essencial. Em “extrema direita”, o sentido é o resultado de uma *simbiose semântica*, onde há uma dependência entre os termos, com “extrema” servindo para intensificar, mas sem autonomia total. Havendo disputa pela ocupação da função de núcleo, o sentido é gerado por um confronto entre o substantivo e o adjetivo. Por outro lado, ao usar “ultradireita”, o prefixo “ultra-”, conforme Câmara Júnior (1970), é um formador de palavras que produz um novo léxico com sentido imaginariamente intrínseco, sem depender da modificação adjetival externa. Aqui, a palavra é tratada como um todo, sem haver a disputa entre qualificação e núcleo, o que evita a relação de subordinação semântica observada na combinação adjetivo-substantivo. A derivação, nesse

³ REDAÇÃO SWI SWISSINFO.CH. Eduardo Verástegui dice que su partido representará la verdadera derecha en México. Ciudad de México, *Swi Swissinfo.Ch*, 07 de julio de 2023. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/spa/eduardo-ver%C3%A1stegui-dice-que-su-partido-representar%C3%A1-la-verdadera-derecha-en-m%C3%A9xico/83058186>. Acesso em: 16 ago. 2024.

caso, gera um termo único, cuja interpretação não passa por um processo de confronto semântico entre seus constituintes. Assim, ao escolher “ultradireita”, opto por uma construção morfológica derivacional que resulta em uma unidade lexical autônoma, enquanto “extrema direita” é uma construção composta que cria sentido por meio da interação entre seus elementos.

Em “ultradireita”, o prefixo age como um intensificador, agregando o sentido de extremismo a sua base “direita”. Sendo, portanto, um prefixo integrado, pois se combina de maneira inseparável à base, criando imaginariamente uma palavra com sentido próprio. Forma-se um efeito de unidade lexical coesa, sem que haja uma divisão autonômica entre o prefixo e a base no nível semântico. Além disso, transfere um significado de *ultrapassagem* e de grau máximo para a noção de “direita”, o que o diferencia de modificadores como adjetivos, que tendem a atuar de forma mais independente e semântica sobre as suas bases.

No caso de “ultradireita”, “ultra-” pode ser considerado um prefixo integrado, pois ele se funde completamente à base “direita”, formando um novo morfema com significado único e distinto de suas partes isoladas. Não há, portanto, uma separação semântica clara entre o prefixo e a base; ao contrário, ambos se amalgamam em uma ideia de “direita”, sem que o prefixo funcione apenas como um modificador superficial. Isso difere de expressões compostas, como “extrema direita”, na qual o adjetivo modifica o substantivo, mas não forma uma unidade lexical tão coesa quanto ocorre com o processo de prefixação. Do ponto de vista semântico, o uso do prefixo “ultra-” implica um grau ainda mais elevado de “extremismo”. O prefixo tende a denotar um nível ainda mais intenso de “radicalização” e potencial violência, pois é um modificador que intensifica o significado do substantivo “direita”, funcionando como um elemento de formação de palavras. O prefixo “ultra-” é um grafema prefixal por *transferência de sentido*, ou seja, originalmente portador do sentido de *localização*, passou, posteriormente a expressar noção de *intensidade*. O prefixo “ultra-” passa por transferência semântica, tomando o sentido figurado de elevado grau em relação a sua base: “O prefixo ULTRA-, com sentido original de ultrapassagem em relação a uma norma, a um limite [...] passa a traduzir a noção de intensidade elevada em relação à base exterior a ele” (Lopes, 2010, p. 2).

No processo de prefixação, o prefixo “ultra-” transfere para a base “direita” o sentido de *exagero*, *intensidade* ou de *ultrapassar limites*. O prefixo não altera a natureza categorial da palavra base (um substantivo), mas intensifica seu significado. Ao contrário de um prefixo modificador, que pode ter uma

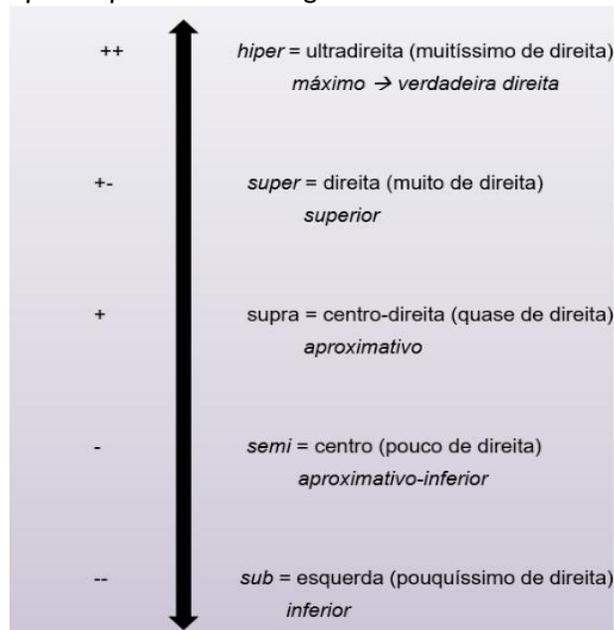
função mais suave ou descritiva, “ultra-” gera um efeito de ênfase máxima. Portanto, “ultradireita” assume o sentido de uma posição política muito mais extrema do que o que seria descrito apenas por “direita”. Ou seja, constitui um morfema que adiciona uma noção de intensidade ou grau extremo ao significado da base a que se conecta.

Ainda sobre a prefixação como processo de intensificação, Sandmann (1988) alude que, diferente da intensificação por adjetivação, o uso de prefixos por transferência de sentido expressaria, do ponto de vista da percepção do interlocutor, uma carga emotiva menor, pelo fato deles serem vistos como emocionalmente mais neutros do que os adjetivos.

Carlos Lopes (2010) destaca que os prefixos intensivos organizam uma série gradativa que é socialmente percebida devido ao funcionamento do nosso inconsciente social linguístico. Essa série expressa diversos níveis de intensificação que corresponderia aos graus de intensidade *máximo*, *superior*, *aproximativo*, *aproximativo-inferior*, e *inferior*. Assim, “Os prefixos serão amplificadores quando funcionarem como modificadores capazes de aumentar a noção contida na base de forma direcioná-la para cima [...]” (Lopes, 2010, p. 3-4).

Vejamos uma série gradativa situada numa escala de valores dimensiva parafraseável em *hiper/ultra-*, *super-*, *supra*, *semi-*, *sub-*, colocada em jogo pelo enunciado “ultradireita”.

Figura 4 - Reconfiguração do espectro político na série gradativa da “ultradireita”



Esse processo morfossemântico recebe o nome de *amplificação por transferência de sentido*, nele “[...] os prefixos amplificadores (ARQUI-, EXTRA-, HIPER-, SOBRE-, SUPRA-, SUPER-, ULTRA) se caracterizam por, sendo originalmente portadores do sentido de localização (espacial ou hierárquica), traduzirem, por deslizamento semântico, uma noção hiperbólica de intensidade.” (Lopes, 2010, p. 4).

Dessa forma, temos o funcionamento da modalidade de intensidade chamada de *amplificação absoluta*, como em “hiperdesenvolvido”, parafraseado por *muitíssimo desenvolvido*, ou em exemplos como “ultrarrápido” → *o mais rápido possível*, “hiper difícil” → *extremamente difícil* e “ultradireita” → *verdadeiramente de direita*.

Na relação diferencial, a prefixação “ultra-” (máxima) aplicável a base substantiva afirma, necessariamente, como pressuposto constitutivo, a existência da prefixação “sub-” (mínima), apagando a gradação que ela mesma evoca, pela disjunção estabelecida entre *ultra-* (direita – a verdadeira) e *sub-* (tudo que não é lido como verdadeiramente de direita). Assim, produz-se, implicitamente, um efeito de atenuação, visto que aquilo que não é narrado como “ultra-”, acaba sendo predicado pelo modificador minimal “sub-”, capaz de diminuir a noção contida na sua base, direcionando-a para baixo *subdireita* → ≠ *direita verdadeira* → *esquerda* → *comunista*. Essa equação expressa a posição inferior daquilo que difere da “direita verdadeira”, marcada pela economia simbólica da série gradativa (*ultra/sub*), com valor intensivo por transferência de sentido.

A interpretação é, portanto, direcionada desde o estabelecimento de um valor de referência em uma escala superlativa pelo prefixo, chamado de modificador de grau. A gradação mórfica é instaurada pela prefixação de intensificação ou de amplificação. Claridge (2011) define a “intensificação” como o posicionamento de uma ação ou estado em uma escala de intensidade, indicando o grau em que essa ação ou estado ocorre. Essa escala pode variar desde níveis extremamente baixos até níveis extremamente altos de realização da predicação.

A construção “ultradireita”, que a Gramática das Construções (Miranda, 2009; Miranda; Machado, 2014; Miranda; Salomão, 2009) denomina de *construções superlativas*, mais especificadamente instanciações da *construção prefixal de modificação de grau*, um elemento mórfico, frequentemente antepositivo, neste caso “ultra-”, expressa modificação de grau da base substantiva “direita”. Assim, estabelece-se um valor de referência em uma escala gradativa que é significada do mínimo para o máximo, direcionando a interpretação, conforme o esquema de formalização proposto por Carrara (2015) representado abaixo:

{Construção Prefixal de Modificação de Grau [Modificador de Grau_{signO1}]_{F1} [Escopo_{signO2}]_{F2}}_M

Nome	Construção Prefixal de Modificação de Grau
M	Unidade Mórfica Complexa X que combina as valências de F1 e F2
F1	Modificador de grau: prefixos de grau
F2	Escopo: Núcleo graduável sem modificação de grau (Sub., Adj., Adv. e Verbo)
Interpretação	Um Valor de Referência em uma escala superlativa é estabelecido para F2 pelo Modificador de Grau particular (F1)

Figura 5 - Descrição da construção prefixal de modificação de grau

Por fim, de um ponto de vista mais pragmático, com base na Linguística funcional centrada no uso, Dall’orto (2018) propõe-nos pensar o funcionamento da construção “ultra-” para além do seu uso prefixal, visto que, conforme defende, o elemento mórfico pode constituir um pareamento forma-função na língua portuguesa, isto é, “[...] por um conjunto de construções que se organizam hierarquicamente em torno de uma rede taxonômica comum.” (Dall’orto, 2018, p. 28). Isso significa que algum aspecto específico do significante se torna tão frequente que é estabelecido como um pareamento forma-função na “mente do falante”. Embora a autora não chegue a afirmar, tal pareamento é um efeito do direcionamento linguístico-ideológico que tornam as construções “acessíveis” à enunciação, criando um efeito de construções armazenadas em forma de esquema simbólico para a instanciação enunciativa. Evidentemente, a autora pensa tais pareamentos como instanciações emergentes na interação comunicativa, o que acaba por reafirmar a intencionalidade criativa do falante diante da língua (como instrumento), desprezando o enquadramento histórico-ideológico da língua.

Dall’orto (2018), ao descrever o funcionamento da construção “ultra-”, constata que o termo, em alguns contextos de usos, perde sua função prefixal e assume a função morfossintática de *adjetivo qualificativo* na

indexação do posicionamento do locutor (intersubjetividade), ou melhor, da posição-sujeito. A função do elemento mórfico seria, predominantemente, a de modificação, focalização e de intensificação que pode ser implícita ou explícita. No padrão forma-função, teríamos função: focalização/ intensificação/ modificação ou qualificação/ ancoragem da intersubjetividade; forma: {[ultra]_{op} + [subs]_{var}}^{int/foc}, onde op = operador, var = variável, int/foc = intensificação/focalização. O elemento mórfico desempenha o papel do operador, a variável é, em “ultradireita”, o substantivo “direita” (poderia ser adjetivo, verbo ou adverbio em outras construções). Tais estruturas produzem efeito de recepção, no interlocutor, de “intensificação/focalização”. Para Dall’orto (2018), a estrutura tem a ver com a relação entre o domínio concreto da focalização (prefixo de espacialização, de localização – ultra = para além de, além do limite, ultrapassagem) e o domínio mais abstrato da intensificação, indexando não mais uma posição horizontal, mas sim uma intensidade por meio da qualificação/modificação (o máximo).

A ancoragem intersubjetiva diz do posicionamento avaliativo do locutor, isto é, a exposição de um ponto de vista do locutor e da interação, direcionamento interpretativo, com o seu interlocutor. Por isso, nessa construção haveria a indexação da focalização, intensificação e da ancoragem intersubjetiva. Contudo, aquilo que a autora circunscreve à possíveis estratégias comunicativas de um falante senhor da língua, é na verdade um efeito da unidade imaginária da língua. A ancoragem intersubjetiva constitui uma imagem, um efeito da cristalização de sentidos. O funcionamento mórfico lido como construção avaliativa que supostamente revelaria a atitude subjetiva do locutor, expondo seus sentimentos e seu pretense julgamento avaliativo aponta para os direcionamentos histórico-ideológicos que concretizam a realidade da língua pelo discurso. O esquema forma-função, quando desfeito o *esquecimento número 1* (Pêcheux, 2009), que é a ilusão de que o sujeito é origem de seu dizer, leva-nos a observar o movimento e a disputa de sentidos em torno da designação do fenômeno da “ultradireita”, para além da criatividade, intencionalidade e julgamento avaliativo do falante, permitindo-nos ver como a posição-sujeito emerge e se movimenta nesse processo enunciativo-discursivo.

5 A manera de conclusión: el populismo biopolítico en desarrollo

Em suma, “nova direita”, “direita populista”, “direita totalitária”, “neodireita”, “extrema direita” e “ultradireita” possuem diferentes implicações morfossintáticas e discursivas, que orientam a significação, governando o debate político. Desfeita a ilusão sinonímica, resta-nos a polissemia e a polêmica do trabalho de leitura e interpretação. A “escolha” de um termo em vez de outro não é neutra e pode dizer

da forma como os grupos são percebidos e interpretados na esfera política e social. A “escolha” é, em si, um gesto de leitura. Uma tomada de posição na disputa ideológico-discursiva. E aqui não interessa o argumento sobre a intencionalidade. É sobre a produção de sentidos, é sobre as coordenadas e direcionamentos ideológicos. Diz sobre o enquadramento e a triangulação na partilha discursiva do sensível político. É isso que temos que ter em mente quando tomamos posição por determinada designação.

Ao considerar a tomada de posição por uma das designações (e não outras) como um gesto de leitura que aponta, necessariamente, para as formas de assujeitamento que constituem o sujeito do discurso, busca-se direcionar o olhar para o funcionamento (ideológico) das definições de “ideologia de gênero” nas/pelas práticas de manualização do saber (linguístico) da comunidade imaginada “ultradireita”. Esse movimento se apresentou como condição para a compreensão do apagamento do jogo de sentidos mobilizado desde o imaginário social que atribui a exclusividade dos dizeres da “ideologia de gênero” a uma comunidade imaginada cuja identidade se alicerça na/pela/ a partir da disputa designatória; obliterando a polivalência das formações discursivas e ideológicas que constitui a fórmula “ideologia de gênero”. Isso acaba por trazer de volta o sentido do elemento pré-construído, provocando uma identificação contrastiva “[...] no interior das classes de paráfrase discursiva próprias ao processo discursivo antagônico.” (Courtine, 2014, p. 208).

A multiplicidade mórfica produzida por construções prefixais e adjetivações é estabilizada na sinonímia trazida à tona como efeito da própria disputa. A plasticidade semântica do fenômeno evoca a heterogeneidade constitutiva dos seus signos identificatórios que, quando desfeito seus preconstruídos e seu jogo de imagens, parecem estabelecer uma sinonímia real no espectro político, deixando ver que a gradação é uma ilusão produzida em favor da acumulação capitalista e da neutralização da luta revolucionária. Dito isso, o caminho percorrido até aqui levar-nos-á a compreensão da política sexual e de gênero na formação socioespacial “latino-americana” dependente e periférica como instrumento da economia política do capitalismo.

Referencias

Abrantes, F. (2020). Processos de construção da fórmula “ideologia de gênero” [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].

- Angenot, M. (2015). O discurso social e as retóricas da incompreensão: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir. EdUFSCar.
- Avelino Neto, D. (2022). O discurso do Escola sem Partido: polêmica e interdição [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem].
- Câmara Júnior, J. M. (1970). Estrutura da língua portuguesa. Vozes.
- Carrara, A. C. F. (2015). A construção prefixal de modificação de grau – uma abordagem construcionista da morfologia derivacional [Tese de doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras].
- Chklovski, V. (1999). A arte como procedimento. In T. Todorov (Org.), Teoria da literatura: os formalistas russos. Globo.
- Claridge, C. (2011). Hyperbole in English: a corpus-based study of exaggeration. Cambridge University Press.
- Courtine, J.-J. (2014). Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. EdUFSCar.
- Dall’Orto, L. F. M. (2018). Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso [Tese de doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora].
- Freitas, R. A. de. (2020). Instrumentação linguística em rede: análise discursiva de dicionários online [Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras].
- Kopeček, L. (2007). The far right in Europe: A summary of attempts to define the concept, analyze its identity, and compare the Western European and Central European far right. *Central European Political Studies Review*, 9(4), 280–293.
- Krieg-Planque, A. (2010). A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico. Parábola Editorial.
- Lopes, C. A. G. (2010). Prefixos intensivos. *Philologus*, 38.
- Lyons, J. (1997). Semántica lingüística: una introducción. Paídos.
- Miranda, N. S. (2009). Construções gramaticais e metáfora. *Gragoatá*, 26, 61–80.
- Miranda, N. S., & Machado, P. M. (2014). Polaridades, intensidades e desencontros: uma construção superlativa de estados absolutos. *Linha D’Água (Online)*, 27(1), 117–137.
- Miranda, N. S., & Salomão, M. M. M. (Orgs.). (2009). Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso. Editora UFMG.

Pêcheux, M. (2009). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Editora da UNICAMP.

Pfeiffer, C. R. C., Costa, T. de A. da, & Medeiros, V. G. de. (2022). Notas sobre o “Vocabulario Orthographico da Lingua Portugueza, precedido das regras concernentes ás principaes dificuldades orthographicas da nossa língua”, de Said Ali. *Línguas e Instrumentos Línguísticos*, 25(49), 297–333.

Redação SWI Swissinfo.ch. (2023, 7 de julho). Eduardo Verástegui dice que su partido representará la verdadera derecha en México. Swi Swissinfo.ch. <https://www.swissinfo.ch/spa/eduardo-ver%C3%A1stegui-dice-que-su-partido-representar%C3%A1-la-verdadera-derecha-en-m%C3%A9xico/83058186>

Sahd, F. B. (2022). (Neo)fascismo, (pós)fascismo ou (neo)populismo? Um balanço bibliográfico possível de uma calorosa disputa classificatória. *Intellèctus*, 94–120.